

A redescoberta da herança filosófica do marxismo nos anos 1920: observações sobre *Marxismo e filosofia* de Karl Korsch

Fabio Alves dos Santos Dias
São Paulo - SP

Resumo: O presente artigo procura compreender o modo como Karl Korsch em seu ensaio *Marxismo e filosofia* redescobriu a relação entre o pensamento de Marx e a herança filosófica legada por Hegel. Isso não é casual na obra de Korsch. Inspirado em Lenin e Marx, Korsch percebe que o marxismo é herdeiro da dialética idealista de Hegel, no sentido não apenas de tomar para si a ideia de Hegel acerca da história, mas também por superá-la, ao conceber os homens, e não a consciência, como o sujeito histórico. Assim, Korsch percebe que não basta apenas o marxismo conquistar a filosofia, trata-se também de superá-la. Com base nisso, o artigo é composto em dois atos. No primeiro, estuda-se o período da II Internacional, em que o marxismo perde a relação com a filosofia, enquanto no segundo ato, analisa-se o período da Revolução Russa de 1917, em que o marxismo redescobre a filosofia. Tal opção demonstra que a redescoberta da filosofia hegeliana não é arbitrária, mas resultado do processo que culmina na formação e na ascensão do proletariado como classe revolucionária.

Palavras-chave: Karl Korsch. Hegel. Marxismo. Filosofia. Revolução.

Abstract: This article seeks to understand how Karl Korsch in his essay *Marxism and philosophy* rediscovered the relationship between Marx's thought and philosophical heritage left by Hegel. As we shall see, this is not casual in the work of Korsch. Inspired by Lenin and Marx, Korsch can see that Marxism is heir to the idealistic dialectic of Hegel, in order not only to take upon itself the idea of Hegel about the history, but also overcome it, when designing men, and not consciousness, as the historical subject. So, Korsch realize that not only just the Marxism conquer philosophy, this is also to overcome it. Based on this, the article was composed in two acts. In the first, we study the period of the Second International, when Marxism lost the relationship with philosophy. While in the second act, we analyze the period of the Russian Revolution of 1917, when Marxism rediscovers philosophy. This choice was made in order to demonstrate that the rediscovery of the Hegelian philosophy was not arbitrary, but rather a result of the process resulting in the formation and rise of the proletariat as a revolutionary class.

Keywords: Karl Korsch. Hegel. Marxism. Philosophy. Revolution.

Primeiro ato: o declínio da relação entre marxismo e filosofia

Perry Anderson (2004), em *Considerações sobre o marxismo ocidental*, afirma que qualquer pessoa que se detenha sobre o estudo da história do marxismo nota como o seu desenvolvimento não é retilíneo ou mesmo uniforme. Primeiro Marx e Engels procuram fazer um acerto de contas com a filosofia hegeliana através do contato, muitas vezes impessoal, com as importantes lutas do proletariado, ao longo do século XIX. Depois, numa segunda geração de marxistas, formada em tempos de relativa estabilidade econômica e refluxo do movimento revolucionário, há os teóricos da Segunda Internacional que, de acordo com inúmeros críticos de gerações posteriores, como Lenin, Luxemburgo, Korsch, Lukács, entre outros, transformam o marxismo num economicismo vulgar cujo produto final é o abandono de seu conteúdo revolucionário e a adoção de uma postura reformista. Em seguida, com a ascensão do imperialismo, da luta de classes e da Primeira Guerra Mundial, surgem jovens intelectuais e líderes de instituições partidárias, tais como Lenin e Luxemburgo, que escrevem obras cujo conteúdo coloca a necessidade de vincular marxismo e práxis revolucionária, a partir dos textos políticos e econômicos de Marx e Engels, no bojo da ascensão do movimento revolucionário na Europa.

Diante do sucesso da revolução russa de 1917, surge, nos anos 1920, uma nova tendência no interior do pensamento marxista hoje denominada marxismo ocidental. É uma corrente que inicia com Korsch¹. Este autor, que foi levado ao marxismo ao longo da Primeira Guerra Mundial, procura, assim como Lenin e Luxemburgo, ler a tradição legada por Marx e Engels a partir da relação entre teoria e práxis, porém, aproveitando sua formação acadêmica,

1 Karl Korsch (1896-1961) nasceu em Tostedt, município do distrito de Hamburgo, Alemanha. Estuda direito, economia e filosofia em algumas universidades européias (Munique, Berlim e Genebra). Doutora-se em direito pela Universidade de Jena no ano de 1910 com a tese *Die Beweislast beim qualifizierten Geständnis (A ponderação da prova na confissão)*. Entre 1910-1912, vive na Inglaterra e trava contato com o movimento operário (na época conhece a Sociedade Fabiana). Após sua estadia em terra inglesa, retorna à Alemanha em meio à eclosão da I Guerra Mundial, e dela participa como oficial. Após o fim da guerra, entre os anos de 1919-1926, Korsch participa politicamente no movimento comunista como protagonista do movimento dos conselhos e, em paralelo, ingressa em 1923, na Universidade de Jena como professor de Direito. Embora tenha ocupado cargos políticos relevantes – cita-se o de Ministro da Justiça da breve República Operária da Turíngia, em 1923, e o de deputado no *Reichstag* entre 1924-1928 – foi como homem de pensamento que Korsch se destaca na história. Seus inúmeros artigos escritos na forma ensaio demonstram a sua importância para o marxismo, seja tematizando a luta de classes na ex-URSS, criticando a III Internacional ou debatendo a produção teórica marxista. A produção intelectual de Korsch é relevante porque demonstra que o autor não deixa de lado seu compromisso com as lutas pela libertação da humanidade.

foi teoricamente além dos dois grandes líderes revolucionários do início do século XX, guinando o marxismo em direção à filosofia, redescobrando o pensamento de Marx e Engels como herdeiro do idealismo alemão.

No início da década de 1920, o marxismo começa a tomar novos rumos. Em 1923, é publicado, originalmente no *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*² (*Arquivo de História do Socialismo e do Movimento dos trabalhadores*), o ensaio de Karl Korsch (2008) intitulado *Marxismo e filosofia*.



(Karl Korsch 1896-1961)³

2 Na apresentação do livro de Korsch editado pela Editora UFRJ, Netto ressalta que esse arquivo ficou conhecido pelo nome de *Grünbergs Archiv* (*Arquivo de Grünberg*), fazendo referência ao seu editor Carl Grünberg, professor da Universidade de Viena no final do séc. XIX e que assume, em 1924, o cargo de diretor do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Fora isso, neste periódico, estão publicados textos de Lukács, dentre eles o ensaio *Moses Hess e o problema da dialética idealista* (Cf. NETTO, 2008, p. 19-20).

3 Foto retirada do site <http://www.gramscimania.info.ve/2011/01/karl-korsch-marxismo-y-filosofia.html>.

Conforme assinala Ricardo Musse em seu comentário na revista *Margem Esquerda*, este ensaio tem um inegável ar de novidade frente a tudo o que se fazia até então no interior do pensamento propagado pelo movimento operário e também no campo da filosofia, ao retomar algo deveras esquecido do legado deixado por Marx e Engels: o debate em torno da relação entre marxismo e filosofia⁴.

Para Korsch, tanto os teóricos marxistas provenientes da Segunda Internacional como os filósofos profissionais oriundos do campo acadêmico estão convictos da existência de um pleno divórcio entre o pensamento de Marx e a filosofia. Como indicam os textos de intelectuais daquele período, ora tal dissídio é interpretado como uma prova da força do marxismo, como é o caso do argumento dos teóricos do movimento proletário da época, ora percebido como uma fraqueza que comprova a irrelevância do marxismo para as cadeiras acadêmicas dignas de se denominarem filosofia, como é o caso dos filósofos acadêmicos da segunda metade do XIX. Nas palavras do autor:

Persuadindo-se mutuamente de que o marxismo não possuía nenhum conteúdo filosófico próprio, os professores burgueses de filosofia acreditavam estar dizendo algo importante *contra ele*; de seu lado, os marxistas ortodoxos se persuadiam mutuamente de que o seu marxismo não tinha, em sua essência, nenhuma relação com a filosofia e, com isto, acreditavam estar dizendo algo importante *a seu favor*. (KORSCH, 2008, p. 24-25, grifos no original).

Na visão de Korsch, ressaltar tal incompreensão perante a relação entre marxismo e filosofia propagada tanto pelos marxistas da Segunda Internacional quanto pelos denominados professores burgueses de filosofia é de suma importância, uma vez que, a partir da investigação acerca desta relação, joga-se luz sobre outra questão fundamental colocada na ordem do dia no interior do movimento revolucionário europeu contemporâneo ao autor marxista, principalmente após a Revolução Russa de 1917: a relação entre teoria e práxis política revolucionária.

Não é por menos que seu ensaio inicia-se com a seguinte frase: “[...] a afirmação de que as relações entre o marxismo e a filosofia levantam um problema teórico e prático da mais alta importância não encontrou, até muito recentemente, mais do que uma limitada compreensão entre os intelectuais, burgueses ou marxistas.” (KORSCH, 2008, p. 23) e, logo em seguida,

4 Cf. MUSSE, 2011, p.137-138.

recorre à importante passagem do final do pequeno livro de Engels (*Ludwig Feuerbach e a crise da filosofia clássica alemã*) no qual o proletariado é apresentado como o herdeiro da filosofia clássica alemã. Ao realizar isso, Korsch nada mais faz do que demonstrar que todos os iminentes filósofos da segunda metade do século XIX e marxistas do final deste mesmo século não compreendem a efetiva relação entre a obra fundada por Marx e a filosofia, porque deixam de lado uma mediação fundamental para o entendimento da relação entre teoria e práxis revolucionária: a filosofia de Hegel⁵.

Hegel, relembra Korsch, desenvolve sua produção filosófica num período da história do ocidente, a época na qual a burguesia se constitui como classe revolucionária e luta pela derrubada do *ancien régime*⁶. É neste aspecto que se encontra a grandeza do pensamento deste filósofo que, como nenhum outro até então, estabelece conexões entre o movimento das ideias e o movimento revolucionário burguês, demonstrando que a revolução presente no pensamento (e note-se que se trata de uma revolução no pensamento levada a cabo pelo próprio conceito e não pela práxis humana sensível) “[...] não se opera na quietude de um gabinete de estudo, afastado do campo árido das lutas concretas.”, mas dentro da realidade concreta, pois a própria teoria, segundo Hegel, “[...] é tomada como elemento real do processo social da revolução real.” (KORSCH, 2008, p. 29).

É neste sentido que Korsch afirma ser a filosofia do idealismo alemão expressão teórica do movimento revolucionário da burguesia. Segundo o autor, a partir de meados do século XIX (época na qual a burguesia deixa de ser a classe revolucionária, para tornar-se a classe dominante) os filósofos burgueses abandonam o papel de protagonistas intelectuais das lutas sociais, como fora Hegel, e transformam-se em perpetuadores intelectuais da ordem existente, obscurecendo a relação entre filosofia e revolução.

Assim, Korsch evidencia seu ponto de vista teórico sobre a condição da filosofia, a partir da segunda metade do século XIX. Para o autor, a relação da filosofia com a práxis é tão íntima que a primeira é sempre expressão da segunda. Somente com isso em mente compreende-se, sob a perspectiva do autor, a relação entre a incapacidade dos filósofos pensarem a filosofia no interior do complexo de transformação da vida social e o

5 Sobre a relação entre Marx e Hegel, ver KORSCH (2008, p. 25).

6 Mencionar a derrocada do *ancien régime* significa levar em consideração o destronamento da sociedade organizada em torno de estamentos e a extinção do poder absoluto concentrado nas mãos do Rei.

abandono do posto, historicamente constituído de classe revolucionária, pela burguesia devido à sua transformação em classe dominante. É nesse sentido que se compreende a seguinte passagem:

De fato, na segunda metade do século XIX, os *intelectuais burgueses*, ao mesmo tempo em que esqueciam a filosofia de Hegel, perderam completamente a visão ‘dialética’ da relação entre a filosofia e o real, entre a teoria e a práxis, que fora ao tempo de Hegel, o princípio vivificador do conjunto da filosofia e da ciência. (KORSCH, 2008, p. 25, grifo nosso).

Diante da constituição da burguesia como classe dominante e reacionária, a filosofia, compreendida como expressão do movimento revolucionário desta classe, transforma-se em prostração diante da ordem existente e, com isso, abandona toda a antiga potencialidade crítica que carregava dentro de si o desejo pela práxis. Não é por menos que os filósofos burgueses, ao longo do século XIX, não percebem relação alguma entre a teoria de Marx e Engels e a filosofia, uma vez que um pensamento tão alicerçado na práxis política revolucionária jamais se relaciona com um saber que, diante das contingências históricas da classe que representa (burguesia), vira as costas para a possibilidade da transformação radical da realidade.

Neste mesmo sentido, ou seja, com base no abandono da práxis política revolucionária, Korsch amplia sua crítica do campo intelectual burguês para o campo intelectual marxista. Ele ressalta a equivalência do pensamento da burguesia que deixa de se constituir como classe revolucionária e o marxismo propagandeado no final do século XIX pelos intelectuais da Segunda Internacional.

Recorrendo ao livro de Lenin (2010), *O Estado e a Revolução*, Korsch traça um paralelo entre a preocupação do revolucionário russo com a indiferença que adquire, para os pensadores marxistas, a questão prática da destruição da máquina de Estado burguês com o divórcio declarado por estes mesmos pensadores entre marxismo e filosofia. Em ambos os casos, tal indiferença e tal divórcio não só explicados na ótica do voluntarismo, pois não se trata de uma mera opção por deixar de lado estas questões referentes ao marxismo de Marx e Engels, mas de um desvio político da diretriz revolucionária da Segunda Internacional que está associada ao viés reformista que a teoria marxista assume nas mãos desta direção do movimento operário⁷. Nas palavras de Korsch:

⁷ Sobre a questão do reformismo na II Internacional, ver a competente síntese elaborada por Ricardo Musse (2010, p. 140).

[...] devemos nos perguntar se a relação mais geral que, segundo o arguto crítico Lenin, permite explicar a indiferença dos marxistas da Segunda Internacional frente à questão do Estado não intervém igualmente no problema de que nos ocupamos – ou seja, se a indiferença daqueles mesmos marxistas em face da questão filosófica tem a ver com o fato de *as questões gerais da revolução em geral os terem preocupado tão pouco* (KORSCH, 2008, p. 35, grifos nossos)

Tal concepção do abandono da práxis política revolucionária e sua relação com a indiferença dos teóricos marxistas da Segunda Internacional para com o Estado e a filosofia significa, conforme aponta Ricardo Musse, uma novidade presente no ensaio de Korsch. Ao mesmo tempo em que sua teoria supera a posição inquisitória voltada para a condenação moral da inépcia da Segunda Internacional frente ao marxismo, enquanto doutrina que expressa o movimento revolucionário dos trabalhadores, ela também traz à tona uma explicação ao mesmo tempo lógica e histórica que abre importantes possibilidades para compreender o advento da interpretação reformista do legado de Marx e Engels.

Tomando como ponto de partida “[...] a sangrenta repressão ao proletariado parisiense em junho de 1848, seguida pela liquidação de todas as organizações e tendências emancipadoras da classe operária.” (KORSCH, 2008, p. 37), o autor demonstra que o reformismo dos teóricos da Segunda Internacional não era apenas o fruto de uma escolha feita deliberadamente ou de uma má leitura de Marx e Engels. Antes o reformismo tem uma base concreta, alicerçada na contingência histórica daquele momento em que a teoria nada mais é do que expressão do refluxo das lutas operárias. Nesse sentido, afirma Korsch:

[...] por mais que se ativessem ao ABC da teoria marxista, [os membros da Segunda Internacional] não puderam conservar verdadeiramente o seu caráter revolucionário original: também o seu socialismo científico fora inevitavelmente transformado em algo diverso de uma teoria da revolução social. Durante o longo período em que o marxismo se propagou lentamente sem ter qualquer tarefa revolucionária a desempenhar na prática, os problemas revolucionários, para a grande maioria dos marxistas [...], deixaram de existir no plano teórico como problemas do mundo real. (KORSCH, 2008, p. 43-44).

O marxismo, nesse período de arrefecimento da luta de classes, transforma-se em uma ciência que desconhece qualquer relação com a práxis revolucionária. Seus teóricos a concebe como algo distante, relegada a um futuro longínquo ou, até mesmo, transcendente. Mesmo que os congressos

das principais organizações proletárias (dentre elas a Segunda Internacional e os partidos operários) afirmem o contrário, o que ocorre efetivamente é a vitória do reformismo nas ações dos sindicatos (como se pode notar na tão famigerada separação entre luta política e luta econômica) que, por sua vez, se reflete na teoria, através da fragmentação do saber numa soma de conhecimentos puramente científicos, ou seja, completamente autônomos diante da luta de classes. Para ilustrar tal fato, Korsch toma como exemplo o eminente economista marxista da Segunda Internacional, Rudolf Hilferding. Segundo o autor, quando o economista afirma ser possível compreender cientificamente os fenômenos do desenvolvimento capitalista sem relacioná-los à luta de classe, ele faz com que sua teoria não desemboque mais em práxis revolucionária, mas conduza “[...] a toda uma série de tentativas de *reforma* que não ultrapassam em princípio o quadro da sociedade burguesa e do Estado” (KORSCH, 2008, p. 42, grifo nosso).

Com isso, torna-se possível afirmar uma homologia entre a fragmentação do conhecimento em esferas especializadas e o reformismo das organizações operárias, pois assim como um sindicato não consegue conciliar luta econômica e luta política num período de declínio das ações revolucionárias, a teoria não vê a relação com a ação política emancipadora. O vínculo entre marxismo e filosofia, assim, se perde. Portanto, por força do contexto histórico específico do final do século XIX, o marxismo deixa de lado seu potencial revolucionário, para se transformar numa força compromissada com a ordem existente.

Segundo ato: ascensão da relação entre marxismo e filosofia

Em seu ensaio, Korsch (2008) deixa claro o seu ponto de vista acerca do sentido histórico da produção intelectual. Quando o autor estabelece o diálogo entre teoria e história (história esta que desde o início é lida a partir da concepção materialista da luta de classes contida no *Manifesto do Partido Comunista*), ele o faz a fim de demonstrar que a produção teórica não é uma esfera autônoma diante da sociedade e de seus conflitos. Com fundamentos na leitura dos escritos do jovem Marx⁸, evidencia-se que a teoria tem materialidade, que ela é de fato real, porque nasce da mente de homens reais vivendo em sociedade. Neste sentido, Korsch entende

8 Não pensamos que exista uma separação epistemológica entre o jovem e o velho Marx. Sendo assim, a expressão jovem Marx significa apenas que estamos tratando de textos escritos em uma determinada fase de sua vida.

que “[...] é da essência do materialismo moderno conceber teoricamente e tratar praticamente as criações espirituais, tanto a filosofia como qualquer outra ideologia, como realidades.” (KORSCH, 2008, p. 48).

Assim, compreende-se a reviravolta causada no interior do marxismo quando o período marcado pelo arrefecimento dos embates revolucionários entra em declínio, e é substituído por uma fase de ascensão da luta de classes. Para Korsch, tal fenômeno social significa uma nova etapa no âmbito da produção teórica: diante do proletariado combativo, os pensadores marxistas abandonam a visão reformista e retomam o marxismo revolucionário de Marx e Engels.

Com a ideia da teoria como parte integrante da realidade social, Korsch inspira-se na crítica de Lenin (2010) – e também Luxemburgo (2005) – para demonstrar que diante das novas jornadas revolucionárias do proletariado, a teoria reformista originada entre os intelectuais do período da história do marxismo, reunidos em torno da Segunda Internacional⁹ já não dá conta da realidade imposta pela volta da ação revolucionária ao cenário histórico e, por isso, precisa ser combatida para que as energias emancipadoras da classe operária em luta não se esvaíam. Nas palavras do autor:

[...] teóricos como Rosa Luxemburgo, na Alemanha, e Lenin, na Rússia, na realidade não fizeram e não fazem mais do que responder às exigências práticas do novo período revolucionário da luta de classes, rejeitando as tradições paralisantes do marxismo socialdemocrata [*reformista*] do segundo período, que pressionam ‘como um pesadelo’ as próprias massas operárias, cuja situação social e econômica objetivamente revolucionária, já há muito não corresponde mais àquelas doutrinas evolucionistas. (KORSCH, 2008, p. 44, grifo nosso).

Com base nisso, Korsch nota que é preciso repensar o marxismo a fim de que ele volte a ser uma força social de fortalecimento dos embates revolucionários, superando a degeneração da Segunda Internacional.

Neste ponto, vem à tona o peso teórico de Lenin (2010). De acordo com Korsch, o pensador russo faz o que todos os intelectuais da Segunda Internacional não conseguem: fundamentar a teoria com base na revolução. Com esse espírito foi escrito *O Estado e a Revolução*, livro que gira em torno da obra de Marx e Engels sobre essa interessante

9 Tais como Hilferding, e por que não citar Bernstein que, com sua teoria social-democrata, prega, de maneira evolucionista, como tarefa do movimento operário a execução de uma política de reformas econômicas para promover a constante melhoria das condições de vida da classe trabalhadora a fim de que, com o passar do tempo, se desse a transição para o socialismo. (Cf. LUXEMBURGO, 2005).

relação (utilizando-se dos ensinamentos contidos no *Manifesto do Partido Comunista*¹⁰ e n' *A guerra civil na França*¹¹) a fim de afirmar a necessidade da revolução protagonizada pelo proletariado organizado em partido, com o objetivo de derrubar a máquina de Estado burguesa e, assim, constituir o Estado proletário. Como bem sintetiza o líder bolchevique, “[...] a classe operária deve quebrar, destruir a ‘máquina de Estado’, não se limitando apenas a se assenhorar dela.” (LENIN, 2010, p. 58).

Lenin, ao dar relevo ao peso da política revolucionária, em seus estudos, retoma a base em que se alicerça a teoria de Marx e Engels ao criticar a tradição reformista da Segunda Internacional cuja característica mais recriminável, aos seus olhos, é considerar relevante, para o marxismo, tão somente o estudo da esfera econômica, como algo autônomo diante da luta de classes. Assim, o reformismo, segundo Lenin, despreza todas as outras esferas constitutivas da realidade, como a filosofia, por exemplo, restringindo a análise somente à defesa de melhorias econômicas pela ação reformadora do Estado.

Por isso, *O Estado e a revolução* de Lenin (2010) é de grande valia para Korsch. Ao fazer valer o peso da política revolucionária na interpretação da obra de Marx e Engels, ao retomar a relação que o marxismo estabelece entre teoria e práxis revolucionária, as ideias do autor servem de inspiração para recolocar outra relação esquecida pelos intelectuais da Segunda Internacional e intimamente ligada a esta: a relação entre marxismo e filosofia.

Inspirado no debate em torno da relação entre comunistas e o proletariado feito no *Manifesto do Partido Comunista*, Korsch afirma que o marxismo é a expressão do movimento operário revolucionário. O que ele ressalta é a íntima relação entre teoria e práxis que faz do marxismo o legítimo herdeiro da filosofia clássica alemã. Mas, alerta o autor, no marxismo tal relação não se dá nos mesmos moldes da antiga dialética idealista de Hegel¹², na qual o pensamento existe independentemente do ser, como uma essência autônoma que em seu movimento interno acaba por transformar também a realidade, e sim nos moldes da *dialética materialista*, em que o conjunto das ideias só pode surgir da mente de homens reais vivendo em intercâmbio entre si, vivendo em sociedade. Deste modo, o marxismo por

10 Cf. MARX & ENGELS (1998)

11 Cf. MARX (2011).

12 Segundo Engels em *Anti-Dühring*, “Hegel era idealista, o que quer dizer que em vez de considerar as ideias do seu espírito como os reflexos mais ou menos abstratos das coisas e dos processos reais considerava, inversamente, os objetos e o seu desenvolvimento como simples cópias realizadas a partir da ‘Ideia’ que existia não se sabe onde desde antes do mundo.” (ENGELS, 1978, p. 30).

ser expressão dos embates do proletariado com a ordem burguesa, somente é herdeiro do pensamento de Hegel caso se tenha em mente que ele o supera e o suprime, realizando o seu método numa nova base materialista, do mesmo modo que supera e suprime a ordem da qual surge tal pensamento: a sociedade burguesa. Imbuído desta ideia, escreve o autor:

A consciência burguesa, que, necessariamente, se pretende autônoma em face do mundo, como pura filosofia crítica e ciência imparcial, do mesmo modo como o Estado e o direito burgueses, que parecem situados autonomamente acima da sociedade – esta consciência deve ser igualmente combatida no plano filosófico pela dialética materialista revolucionária, a filosofia da classe operária, até que seja, ao fim desse combate, totalmente superada e suprimida no plano teórico, simultaneamente à total transformação, no plano prático, da sociedade existente e de suas bases econômicas. (KORSCH, 2008, p. 63).

Não é por menos que a teoria marxista, herdeira da dialética hegeliana, realiza os seus anseios mais íntimos (estabelecer uma relação efetiva entre filosofia e realidade), superando-a a partir de uma abordagem materialista do método dialético, pois este expressa a luta revolucionária do proletariado contra a dominação burguesa. Como Marx e Engels afirmam:

[...] as proposições teóricas dos comunistas não se baseiam de forma alguma em ideias, em princípios inventados ou descobertos por esse ou aquele reformador do mundo. Elas são apenas expressões gerais de uma luta de classes existente, expressões de um movimento histórico que se desenrola sob os nossos olhos. (MARX & ENGELS, 1998, p. 21).

Aqui, segundo Korsch, trata-se de ressaltar o lugar do marxismo na luta de classes. Para o autor, o marxismo é uma teoria inseparável da práxis, pois nasce em solo capitalista como expressão da luta política revolucionária do proletariado e, por isso, constitui-se como uma força de transformação da ordem existente em sua totalidade. Portanto, o pensamento marxista não é uma teoria pretensamente pura, intocada pela realidade efetiva, mas pelo contrário, é “[...] uma teoria da revolução social que abrange, na sua totalidade, todos os domínios da vida social.” (KORSCH, 2008, p. 46). Por isso, é possível estabelecer o engenhoso raciocínio da obra de Marx e de Engels como elemento teórico e prático da supressão não só de todas as ideologias (dentre elas a filosofia), mas também de todas as condições materiais que tornam possíveis a existência dessas ideologias.

Desse modo, Korsch, apesar de ressaltar a extrema importância da transformação do modo de produção capitalista como projeto revolucionário, em momento algum coloca o mundo espiritual (as ideologias) como algo secundário. Para o autor, a transformação da base material propiciada pelo movimento de tomada do poder do Estado burguês e sua destruição, está relacionada imediatamente ao movimento de realização e superação da filosofia clássica alemã. Conforme o *Manifesto do Partido Comunista* e mesmo *O Estado e a Revolução*, é tarefa do proletariado revolucionário destruir o Estado burguês e, com isso, destruir todas as formas de Estado, pois este “[...] é o produto e manifestação do antagonismo inconciliável das classes.” (LENIN, 2010, p. 27), a forma de organização jurídica de todas as formas de sociedade baseadas na dominação do homem pelo homem.

Ora, mas se a base material é inseparável da base ideológica, pode-se afirmar que é tarefa do marxismo superar as bases ideológicas do capitalismo e toda a ideologia que, ao longo da história, é a base espiritual da dominação material. Com isso, o marxismo, afirma Korsch, não só supera a filosofia clássica alemã, mas a filosofia em geral, pois para a teoria de Marx e Engels não se trata nem de formar uma nova filosofia nem, de ignorá-la. Trata-se de superá-la com a realização daquilo que ela mesma não pode cumprir devido ao fato de ser expressão da classe dominante: a revolução. Sobre isso, Korsch escreve no início do ensaio:

Já Marx e Engels, que com firmeza e insistência sublinharam que o movimento operário alemão recolhera no ‘socialismo científico’ a herança da filosofia clássica alemã, não entendiam por esta recolha que o socialismo científico ou o comunismo fosse essencialmente uma filosofia. Ainda mais: eles lhe atribuíam a missão de ‘superar’ (*aufheben*) e ‘suprimir’ (*überwinden*) definitivamente, no seu conteúdo e na sua forma, não apenas a filosofia idealista burguesa até então desenvolvida, mas, simultaneamente, toda filosofia em geral. (KORSCH, 2008, p. 23).

Neste aspecto, a ideia da herança, em Korsch, ganha em originalidade porque nela encontra-se, nas entrelinhas, uma interpretação da teoria da história de Marx e Engels que mostra que o marxismo não se define pelo esquecimento do passado, mas como um acerto de contas com ele. Mas tal acerto de contas não se desenrola como se fosse uma volta ao tempo, pois executa-se no momento presente (na ordem material e espiritual do capitalismo) e visa a construção do futuro. É neste sentido que se compreende o porquê de Korsch indicar que o marxismo precisa constituir-

se como ciência (socialismo científico) e também o porquê dessa ciência não prescindir da filosofia. Ora, por ser expressão do movimento revolucionário do proletariado que tem como objetivo não mais substituir uma forma de dominação por outra qualquer, mas libertar os homens de qualquer forma de dominação, o marxismo supera, na teoria e na prática, toda a filosofia do passado (a filosofia em geral), ultrapassando a filosofia que expressa a dominação em seu momento presente (a filosofia clássica alemã). Neste aspecto, o marxismo transforma-se em crítica da economia política, que supera, na teoria e na prática, o idealismo alemão, concebendo a filosofia como produto da consciência do homem que vive no mundo e que ao mesmo tempo é expressão deste mundo. Portanto, a realidade da base material e a base espiritual/ideológica já não se separam. São vistas como duas partes integradas da totalidade social. Nas palavras do autor, o marxismo:

[...] reconheceu que todas as relações jurídicas e políticas, como todas as formas da consciência social, para serem compreendidas, não podem ser tomadas em si mesmas nem a partir do desenvolvimento geral do espírito humano (como o faziam a filosofia hegeliana e pós-hegeliana), porque elas têm suas *raízes* nas condições materiais de existência que constituem ‘a base material e a ossatura’ do conjunto da organização social. A partir daí, uma crítica radical da sociedade burguesa não pode mais, como Marx escrevia em 1843, tomar qualquer forma de consciência teórica e prática: deve tomar aquelas formas que encontraram a sua expressão científica na economia política da sociedade burguesa. A crítica da economia política passa, assim, ao primeiro lugar, tanto na teoria quanto na prática. Contudo, esta forma mais profunda e mais radical da crítica revolucionária de Marx à *sociedade* não deixa de ser uma crítica de *toda a sociedade burguesa* e, pois, também de *todas* as suas formas de consciência. (KORSCH, 2008, p. 56, *grifos nossos*).

Considerações finais

Portanto, afirma-se que, segundo Korsch, o marxismo é herdeiro da filosofia não porque a continua, mas porque a supera através de sua própria realização. Trata-se de ter em mente, de acordo com o autor, que o marxismo toma consciência de que a ação tão almejada pelo idealismo não é, como afirma, a atividade do conceito, mas é a atividade humana, é práxis revolucionária de uma classe social que, por meio da luta política, transforma não só as ideologias que mantêm a ordem baseada na dominação (inclusive a filosofia), mas também todas as condições objetivas que proporcionam a existência delas.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ENGELS, F. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: MARX, K. e ENGELS, F. *Obras escolhidas (volume 3)*. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d. _____ . *Anti-Dühring*. Lisboa: Dinalivro, 1978.

KORSCH, K. *Marxismo e filosofia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

LENIN, V. *O Estado e a revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUXEMBURGO, R. *Reforma ou revolução?* São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARX, K. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. & ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. In: *Estudos avançados, volume 12, número 34*. São Paulo: EdUSP, 1998.

MUSSE, R. Marxismo e filosofia. In: *Margem esquerda: ensaios marxistas, número 17*. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, J. P. Apresentação. In.: KORSCH, K. *Marxismo e filosofia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.